



A seca e o semiárido

Mais um ano de seca no semiárido nordestino. Governantes e seus órgãos vinculados ao tema, órgãos de classe da agropecuária e dos trabalhadores na agricultura, empresários agrícolas, agricultores, técnicos e pesquisadores se reúnem para avaliar as dimensões da seca instalada e seus impactos na agropecuária e em seus produtores. A seca faz parte da paisagem do semiárido e é previsível. Suas consequências sociais e econômicas são graves e seus efeitos nas atividades agrícolas e pecuárias podem levar de cinco a dez anos para serem recuperados.

As medidas emergenciais, de caráter social, são geralmente fragmentadas e descontínuas, envolvem o abastecimento de água com carros-pipa, a construção de cisterna de placas e a distribuição de dessalinizadores, entre outras. As medidas de caráter econômico envolvem o seguro safra, a bolsa estiagem, a renegociação de dívidas e a redução da taxa de juros. Certamente, apresentam uma evolução em termos de atenção às pessoas e de resultados. No entanto, as medidas socioeconômicas de longo prazo, caracterizadas por obras de infraestrutura hídrica, como projetos de irrigação em áreas com disponibilidade hídrica, a interligação e a transposição de bacias, ainda estão a dever na solução do recorrente problema.

Mesmo o Nordeste dispor de reserva hídrica de 175 bilhões de m³, a seca ainda provoca estado de calamidade pública nos municípios sem acesso à água de forma permanente. Portanto, pergunta-se: além das soluções citadas, há soluções tecnológicas para o semiárido? A resposta é sim! Entre elas podem ser destacadas as tecnologias desenvolvidas pela Embrapa para essa região, como as sementes e mudas de variedades resistentes a seca, as barragens subterrâneas, o feijão caupi, o cajueiro anão precoce, o manejo da caatinga, o desenvolvimento de pastagens nativas e introduzidas, como a palma forrageira e o sorgo forrageiro.

Destaca-se também a ração balanceada à base do pedúnculo do caju para ruminantes (desenvolvido na EMPARN). Para as áreas irrigáveis, estão disponíveis tecnologias para o pasto irrigado, para pastejo rotacionado, produção de feno ou silagem, para a irrigação de fruteiras e de hortaliças e para o controle de pragas e doenças. O desafio é viabilizar o acesso dessas tecnologias agrícolas para os agricultores e pecuaristas da região. Isso requer políticas públicas e investimentos permanentes para educação, assistência técnica e social e transferência de tecnologia para os agricultores e pecuaristas que optaram em permanecer no semiárido.